

nasceram os gêmeos. As três filhas mais velhas já navegavam pelo universo da educação de Brasília. Estudaram na Praça 21 de Abril, na 308 e na 108 Sul. Paralelamente, Lydia foi convidada a dar aulas na Faculdade Dulcina. A disciplina se chamava Fundamentos da Educação e Comunicação Artística (Feca), e com ela veio outra geração de estudantes inspirados pela mestra.

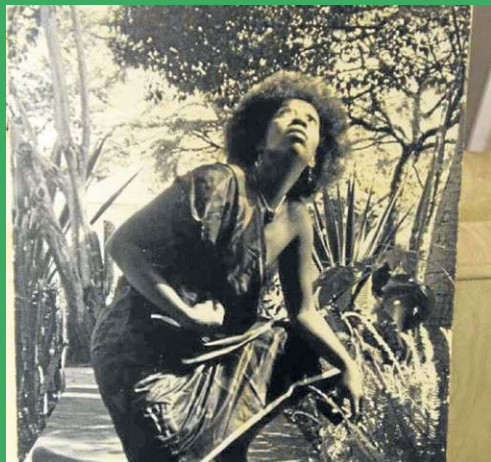
Pérolas pelo caminho

Seria impossível citar todos os alunos e discípulos de Lydia — não porque lhe falha a memória, mas porque a entrevista se estenderia por horas e as páginas seriam insuficientes para contemplar a multiplicação de conhecimentos durante sete décadas dedicadas à arte. Pode-se arriscar, no entanto, alguns que ainda seguem em contato com a mentora ou que aguçam lembranças de momentos especiais.

“Nessa trajetória eu encontro — hoje, ontem, anteontem e há tempos atrás — pessoas que foram meus alunos e que se aproximaram da música, que fizeram música na universidade ou que foram para orquestras, para escolas de música, para a UnB.” Há nomes também no jornalismo, como Gioconda Caputo; no teatro, como Zé Regino e os irmãos Guimarães; no cinema, como Sérgio Moriconi; e na televisão, como Deo Garcez.

A figura inspiradora de Lydia sempre contemplou na educação algo muito maior do que a sala de aula, e eram justamente as atividades ao ar livre o elemento-chave desse processo. “Daqui da Escola Parque ou da Escola Normal eu falava logo: ‘Vocês vão andando por aí, descobrir alguma coisa que tenha um som diferente, que possam carregar’”, ordenava a mestra. Eis que os alunos voltavam com latas de sorvete, pedaços de metal, as favas que caíam das árvores e saíam tirando sons e pensando em partituras.

Um dos encontros especiais ocorreu na Escola



Lydia aos 9 anos, no Rio; com coral na Escola Parque; em pose com vestido afro; e com os pais e o irmão

Normal. A cantora Cássia Eller passou pela sala de aula de Lydia por um curto período. “Eu acho que ela não terminou (o curso normal). O caminho dela era outro. Às vezes, depois das aulas, ela me pedia: ‘Professora, eu queria tanto tocar esse piano’. Aí eu falava: ‘Então, na hora do almoço, eu dou um jeitinho e você fica lá na sala’. E deixava a porta encostada...”, lembra. “E depois nós nos encontramos, no Rio de Janeiro. Ela estava dando show com Francisco (filho de Cássia), ele era pequeno.”

Cultura pujante

Em 1988, quando deixou as salas de aula, foi convidada para integrar a Assessoria de Cultura Negra da Secretaria de Educação e Cultura, sob o comando de Pompeu de Sousa. Ali ajudou a disseminar a cultura negra pelas escolas de todas

as regiões do Distrito Federal. Em outro projeto, na UnB Ceilândia, preparou jovens para trabalhar atividades culturais com crianças em situação de vulnerabilidade. Alguns deles cursam hoje doutorado.

No fim da década de 1980, Lydia passou a participar da organização do Festival Latino-Americano da UnB. Uma curadora de peso para trazer ao evento nomes que destacassem a cultura afrobrasileira. Capoeiristas famosos marcaram presença no festival, assim como os grupos Olodum e Ilê Aiyê. Não à toa, quando visita Salvador, a pioneira ganha reverências por onde passa.

As viagens pelo país, por sinal, se intensificaram na época em que Lydia participou de projeto do Ministério da Educação para formação de professores, nas áreas de música, teatro e artes plásticas. “Ficávamos uma semana

pela Secretaria de Educação do Estado dando oficina aos professores. Fomos para vários lugares. Maceió, Manaus, São Paulo...”, elenca a professora, que orgulha-se ainda de ter participado do júri de diversos festivais de música. A trajetória de sucesso foi premiada inúmeras vezes, com troféus como os do 3º Prêmio Marielle de Direitos Humanos e do 1º Prêmio Cultura Afrobrasileira.

Ativismo presente

“Fizeram uma pergunta para mim outro dia e eu falei que eu não nasci ativista. O ativismo surge a partir do momento que você começa a reconhecer as diferenças, as diversidades. Aí você começa a ser ativista do movimento negro, da saúde, dos direitos humanos”, pondera Lydia, lembrando que naquele

mesmo dia da nossa entrevista morrera Harry Belafonte, cantor estadunidense ativista dos direitos civis.

O reconhecimento das diversidades passa também pela realidade cruel do racismo. Não foram raras as ocasiões em que foi confundida em eventos onde era a convidada. “É aquela coisa de o negro ser sempre o serviçal. Mas nós estamos vencendo, com toda essa luta dos movimentos sociais, do movimento negro, que é de muitos anos.”

A arte é o embrulho perfeito para reivindicar espaços e lugares de fala. E Lydia sabe usá-la em suas mais diversas expressões. Além da música, é especialista em artes cênicas, escritora, bordadeira, estilista — criadora do Bazafro — gosta de dançar samba e aprecia o balé. “Eu sou criativa. Sou do palco”, declara, erguendo a face e abrindo os braços, com postura de artista. No mesmo dia, havia se encontrado com o rapper Gog, na companhia de quem já estreou saraus no Guará.

Na caixa de som de Dona Lydia atualmente a música brasileira domina o repertório: samba e MPB, ao lado da música regional, que vem acompanhada de uma lista extensa de favoritos — baião, embolada, coco. “Gosto muito de assistir lá no Paranoá à Martinha do Coco. Sou muito considerada pelo pessoal da capoeira, e, agora que estou ficando mais velha, é um tal de ‘A bença! a bença!’”, diz Lydia, aos risos, celebrando o respeito e a reverência.

Mesmo com a agenda cheia de compromissos, aceitou com generosidade o pedido para compartilhar um pedaço da própria história. Passamos ainda pelos desfiles no carnaval da Asa Norte, na Estação Primeira de Mangueira — escola do coração — e as coincidências que nos brindaram durante a conversa e a sessão de fotos. De coroa brilhante na cabeça, assumiu a majestade e o trono da sala de infinitas memórias.